

Para Satisfazer Deus

As práticas sexuais das Esposas de Amon durante o Império Novo

HUDSON REZENDE DE ARAUJO*

No nordeste do grande continente Africano, acima do deserto saariano, surge uma das sociedades mais complexas da antiguidade. Com sua sociedade complexa, os egípcios antigos se tornaram o fascínio da maioria das culturas que de longe os observava. Gregos, romanos, entre outros, escreveram uma extensa obra em relação a esse povo exótico que não simplesmente brotou da terra negra às margens do Rio Nilo há mais de 5 mil anos antes de Cristo, mas, chegando a este lugar, foi necessário séculos até se tornarem uma das maiores sociedades da antiguidade.

Para compreender a cultura do antigo Egito, os egiptólogos se baseiam principalmente em textos funerários, como os Textos das Pirâmides e os Textos dos Sarcófagos, entre outros textos encontrados nas escavações em terras egípcias. Araújo nos alerta que

No caso de uma língua verdadeiramente 'morta', vale dizer, não mais falada há milênios, e, ainda mais, expressa numa escrita igualmente morta, as dificuldades só tendem a aumentar. Como se não bastasse, os escritos daí advindos exprimem atualmente valores culturais e ideológicos que não correspondem ao cartesianismo do Ocidente cristão, conformato em grande medida pelo pensamento greco-romano clássico (ARAÚJO, 2000: 21).

Por esse motivo, a linguagem abordada nesse texto optará por ser uma linguagem mais limitada, buscando sua fonte somente nos próprios textos egípcios do Novo Império, nesta fase, a linguagem egípcia é denominada pelo Araújo de “Egípcio Tardio ou neo-egípcio” (ARAÚJO, 2000: 23-24), onde a escrita egípcia se torna mais popular e deixa de ser somente de cunho real ou sacro, pode-se notar essa nova escrita nas Poesias Lírica Amorosa.

Podemos comparar o começo desta da sociedade egípcia, com a própria cosmogonia egípcia, pois “mito é... uma narrativa especial, particular, capaz de ser distinguida das demais narrativas humanas” (ROCHA, 1985: 2). Diferente do que se é amplamente difundido, a cultura egípcia não permaneceu estática pelos 5 mil anos de existência, ao contrário, existiam mudanças a cada faraó (ou como os egípcios chamavam, Nisut) que subia no trono, pois este impunha a sua

*Acadêmico do curso de Licenciatura de História da Universidade Federal do Tocantins, sob a orientação da Doutora Mirian Tesserolli

visão religiosa e política a toda nação. Assim, dependendo do rei, que estava no poder, a visão mitológica também mudava.

Assim, tivemos vários mitos cosmogônicos no Egito antigo, onde deuses diferentes tomavam a posição de demiurgo. No entanto, podemos observar em todas elas um padrão comum: nesta visão geral que é encontrada em todos os mitos cosmogônicos, o começo da humanidade tudo era o “mar primordial” denominada Nun, no entanto, surgiu uma colina onde nasce o demiurgo – podendo nascer de um ovo ou de uma lótus. A partir disso, existem variações do seguimento da criação.

Entre esses mitos, os “centros espirituais responsáveis pelas correntes cosmogônicas mais influentes são: Heliópolis, Mênfis e Hermópolis” (SOUSA, 2003: 315). Estas mitologias serviram de influência para outras três centos cultuais sendo elas: Tebas, Elefentina e Esna que desenvolveram versões próprias.

Estas cosmogonias eram usadas de acordo com a teologia que estava no poder. Por exemplo, no Império Antigo, a mitologia de Mênfis que era adotada pelo Estado, em outros períodos, isto poderia mudar, como aconteceu no Novo Império quando Amon se tornou o deus protetor do Império Egípcio.

O Novo Império é o período que se estende a partir da expulsão dos Hicsos do Egito, por volta de 1550 a.C, por Ahmés (ou Amósis), primeiro faraó da XVIII Dinastia, e vai até 1070 a.C com o Ramsés XI, último faraó da XX Dinastia, que quando morreu, foi sucedido por seu vizir Smendes, fundador da XXI Dinastia.

Healy vai descrever os faraós dessa dinastia como “Faraós Guerreiros” (HEALY, 2000: 14) devido o Novo Império ser a fase onde o Egito mais fez expedições ao exterior, muitas vezes, fazendo guerra. É claro que essa nova perspectiva bélica do Egito deve-se principalmente ao povo que eles expulsaram, os Hicsos, que foi a “principal consequência [...] que transformou o Egito em um estado militar” (HEALY, 2000: 14). Os Hicsos trouxeram para a cultura egípcia o uso de diversas ferramentas antes desconhecidas por eles, como armas mais modernas e,

principalmente, o uso do cavalo em guerras, que fez com que o exército egípcio se tornasse extremamente poderoso e temível.

Foram essas guerras e expedições que tornou os reis do Novo Império os mais ricos. No entanto, não foram somente os tesouros dos faraós que se multiplicaram, foi nesse período que a arte e a literatura teve seu maior auge. Muitos dos textos antigos encontrados são dessa época, isso porque a maior parte dos artefatos encontrados foram de personalidades sepultados no Vale dos Reis¹, isso mostra que todo o Egito foi próspero durante essa época.

Todo esse esplendor pode ser notado na capital do Império, conhecida pelos egípcios de Waset, e pelos gregos de Tebas, “seus templos foram os mais importantes e os mais ricos de todo o Egito” (BAINES, 2008: 90), entre estes estava o principal templo, Karnak, ou Ipet-isut, “o mais seletos dos lugares”, originário do vizinho povoado moderno (el-Karnak), é usado para designar um vasto conglomerado de templos, capelas e outras construções em ruínas que pertencem a diferentes períodos e que ocupam uma extensão aproximadamente de 1,5 x 0,8 km. Foi iniciado por volta de 2200 a.C. e terminado por volta de 360 a.C. No entanto, será no Novo Império que esse complexo de templos teve seu maior poder. Depois que os faraós tebanos e o deus Amon alcançaram seu maior poder, logo no começo da Dinastia XVIII, que a capital passou para Tebas e como afirma Baines: “foram erguidos, aumentados e novamente derrubados, e houve ampliações e restaurações durante mais de dois mil anos.” (BAINES, 2008: 84)

O imponente templo de Karnak pode ser dividido em Área de Amon, na parte Central, Área de Montu², na parte norte setentrional e a Área de Mut, dentro da Área Central, ainda encontra-se um pequeno Templo dedicado a Khonsu. Dentro destas áreas, durante os 2000 anos de construção, vários faraós ergueram outros templos dedicados a esses deuses – às vezes a outros deuses como Wesir³, Ptah – ou levantaram colunas. Estas três divindades, Amon, Mut e Khonsu

¹ Localiza-se na margem oeste do Rio Nilo, oposto a Tebas (atual Luxor), no centro da Necrópole de Tebas. O uádi consiste em dois vales, Vale Oriental (onde a maioria das tumbas reais estão situadas) e o Vale Ocidental. Foi construído pelos faraós e nobres do Novo Império.

² Montu é um deus antigo tebano ligado à guerra, por vezes associado a Ra (Montu-Ra) é representado com um homem com cabeça de falcão tendo na cabeça duas plumas altas e um disco solar com uraeus.

³ Wesir é a forma egípcia de se referir ao deus Osíris.

fazem parte da chamada Tríade Tebana, sendo Amon o pai, Mut a mãe e Khonsu o filho e são exatamente esses deuses que serão os maiores protagonistas da religiosidade do Novo Império

O deus Amon, mais tarde chamado de Amon-Ra, foi o foco do maior complexo teológico do sistema egípcio, na forma de Amon-Ra, combinando os arquétipos do deus solar Ra de Heliópolis e Amon de Tebas, formou-se um culto de um deus extremamente poderoso, pois uniu os dois deuses mais poderosos e cultuados da história egípcia. Compreendemos essa junção de deuses sob a fala de Byron que diz

Não é possível simplesmente rotular uma divindade como deus de alguma coisa e outra como deus de outra coisa. Havia muitas identificações e inter-relações entre os membros do panteão, porém subjacentes a essa complexa rede de divindades encontra-se uma concepção altamente desenvolvida do que era divino, que surgiu durante o período formativo dessa antiga civilização e evoluiu para compor as doutrinas que fundamentariam a religião do antigo Egito ao longo de mais de três mil anos. (BYRON, 2002: 21).

Amon pode ser traduzido como “O Escondido” ou “O Oculto”, foi primeiramente citado ainda nos Textos das Pirâmides, no Antigo Império⁴ e foi cultuado até mesmo no fim da civilização egípcia. Amon é conhecido primeiramente por fazer parte da Cosmologia de Hermópolis ou Hemeru⁵, nesta ele também estava associado ao ar, fazendo par com Amaunet, seu oposto feminino, simbolizando o oculto e o misterioso. Amon também pode ser associado com Montu, ou até mesmo, filho de Montu, protetor de Tebas. No entanto, foi na junção com o deus de Heliópolis Ra que Amon passou ser o maior deus do panteão egípcio sendo ligado também a política.

Amon e Ra ainda permaneceram como divindades, mas o sincretismo é uma expressão de união de poderes. Associação de outras divindades foram também encontradas, e Amon suportou várias outras denominações como Amon-Ra-Atum, Amon-Ra-Montu, Amon-Ra-Harakhty e Min-Amun (REDFORD, 2001: 82-84).

Foi com a expulsão dos Hicsos que Amon aumentou seu poder, pois foi atribuído a Amon a vitória do povo egípcio sobre os estrangeiros. Assim, vários templos foram erguidos em sua

⁴ Período que corresponde a 3.200 a 2.433 a.C.

⁵ Hemeru, ou na língua grega Ogdoad, é o grupo de oito divindades, quatro masculinas (com cabeças de rã) e quatro femininas (com cabeças de serpentes), que participaram da criação segundo a cosmologia de Hermópolis, estas divindades eram: Nun e Naunet, Heh e Hauet, Kuk e Kauket, Amon e Amaunet.

honra em todos os territórios, sendo que o templo central era o de Karnak, recebendo assim o título de “Rei dos Deuses”, onde “a magnitude do poder espiritual e política de Amon-Ra transformou o antigo Egito numa teocracia” (REDFORD, 2001: 82-84). Junto com os governantes, o Clero também recebeu um imenso poder durante o Novo Império, capaz de tomar decisões não só espirituais, mas tendo bastante influência política.

Nesta perspectiva dualista, Amon é a personificação do invisível ou oculto, já Ra é o visível, o palpável, pois este é o Deus Sol. Assim, Amon-Ra é o principal mantenedor da política e de *Ma'at*⁶, símbolo da ordem universal.

Uma vez que Amon passa a ser reverenciado como Amon-Ra, ele passa a também ser o demiurgo, pois Ra-Atum é o grande criador na mitologia de Heliópolis. A Cosmologia Tebana passa a identificar Amon como o grande criador do universo, conforme esta nas paredes do Grande Complexo de Karnak. De fato, as cosmologias de Heliópolis e Tebas são bastante semelhantes, sendo que o Zep-Tepi⁷ segundo a teologia de Tebas, será Amon que terá o título de “o auto criado, sem mãe e sem pai”, criador de tudo a partir de sua masturbação, assim como Atum.

Em outra interpretação, o que ocorre é uma pequena modificação da Cosmologia Hermopolitana, ou Hemeru, o grupo de oito divindades. Nesta, Amon é o primeiro, junto com sua consorte Mut – anteriormente chamada de Amaunet – que ao excitá-Lo, copulam, e é neste prazer intenso que o universo é criado.

Das duas formas, Amon usa sua potência sexual para criar o universo. Isto é extremamente simbólico, pois, para os egípcios, a mão e o pênis eram partes do corpo que podiam emanar poder, o que pode ter vindo a partir deste mito. Uma vez que Amon cria o universo a partir do ato sexual, podemos observar sua aproximação com as várias simbologias sexuais ao redor do culto a Amon, sendo o primeiro deste, o fato de o animal sagrado de Amon que é o carneiro, amplamente cultuado por sua fertilidade e poder bélico. Outra simbologia pode

⁶ Neste caso, *Ma'at* é um termo e não a personificação divina com o mesmo nome.

⁷ Palavra egípcia que significa: início, começo ou princípio.

ser encontrada com a sua aproximação com o deus itifálico⁸ Min, tradicionalmente ligado à fertilidade, onde sua personificação de Min-Amon era de um homem com pênis ereto e com as duas plumas na cabeça e por fim, é claro, a Ra-Atum, criador do universo segundo a Mitologia Heliopolitana que criou o universo por meio da masturbação.

A devoção a Amon pode ser observado a partir de um Hino preservado da XXII Dinastia, onde Amon é celebrado como um deus primordial e fonte de todo o ser:

Este deus sublime, o senhor de todos os deuses,
Amon-Ra, senhor de Karnak, primeiro de Tebas,
O augusto Ba, o primeiro que originou-se,
O grande deus que vivi em Ma'at,
O primeiro deus primordial que gerou os deuses primordiais,
Ele de quem todos os deuses saíram,
O único deus que se fez em milhões,
O primeiro e único que criou os seres,
Que criou o mundo no início,
Misterioso de nascimento, rico em encarnação, cuja origem se faz desconhecida.
(ASSMANN, 1996: 292)

Mut era a grande deusa mãe dos deuses, consorte divina do deus Amon e participante ativa do Zep-Tepi, pois coube a ela excitar Amon para que, com seu poder sexual, criasse o universo. Era representada principalmente como “uma mulher possuindo em sua cabeça a Coroa Branca e a Coroa Vermelha, possuindo assim o título de Rainha do Alto e Baixo Egito” (WILKINSON, 2003: 154). Mut era associada às Esposas Reais e também às Esposas do Deus Amon. No Novo Império foi tão importante para a teologia tebana quando seu marido e foi o símbolo feminino real e também de todo o clero feminino. No Templo de Karnak foi construído um grande templo dedicado a ela, onde no meio tinha lago em forma de quarto crescente. Assim, Mut se tornou o maior símbolo de poder feminino que foi amplamente cultuada principalmente no Novo Império.

O status da mulher dentro da sociedade egípcia ainda é bastante discutido pelos egiptólogos, no entanto, estas discussões estão fomentando cada vez mais pesquisas relacionadas ao tema que pode trazer à luz muito do que se acreditava sobre as mulheres no antigo Egito.

⁸ Itifálico, ou seja, o que possui o pênis ereto, no caso de Min, ele será sempre representado desta forma.

As egípcias, superficialmente, estavam destinadas somente a sombra do homem, como afirma Baines: “Na posição mais alta da hierarquia está a esposa, e em alguns casos a mãe, do proprietário da tumba” (BAINES, 2008: 204), referindo-se as pinturas nas tumbas. No entanto, algumas posições tomadas por mulheres destoaram desse consenso comum.

De fato, a maior posição do Egito Antigo é a de Faraó, com isso, houve poucos casos de mulheres tomarem essa posição, a não ser em casos de ausência do marido, poucas conseguiram essa posição em sua totalidade. Entre estas está Hatchepsut, uma mulher que tomou do seu irmão a posição de faraó, conseguindo governar por cerca de vinte e dois anos durante a XVIII Dinastia, no Novo Império.

Assim, o Novo Império constitui-se por várias singularidades e o aumento de status para a mulher. Nas artes “a mulher adquire mais importância cada vez maior; seus vestidos têm uma maior elegância e o conteúdo erótico das cenas em que ela aparece é mais intenso, ainda que sempre rigorosamente codificado” (BAINES, 2008: 204) e na política tomou o poder do faraó ou, até mesmo, tendo um dos maiores status espirituais no clero de Amon em Karnak, o de Esposa do Deus.

A lógica desse clero feminino está ligada a Cosmogonia onde Amon é o demiurgo, uma vez que no Novo Império, Tebas se tornou a capital e o deus dessa cidade ganhou o status de maior deus. Como já foi dito, é natural que haja essa mudança na sociedade de acordo com a religiosidade do governante, e é exatamente no Novo Império que praticamente todos os faraós estão ligados à divindade Amon, com exceção é claro de Akhenaton.⁹

A Teologia Tebana exerceu o grande poder sobre o Novo Império, alguns egiptólogos, afirmam que essa teologia “chega a se tornar quase monoteísta” devido a essa importância, se rendeu um imenso prestígio do deus bem como todos os que o serviam. E foi nessa perspectiva de alto poder sobre todo o Clero de Amon, em Karnak, surge um clero feminino intitulado as Esposas de Amon, um grupo de mulheres seletas de extremo poder dentro que gozava tanto de atribuições políticas (uma vez que o Egito Antigo era extremamente teocrático) quando em sua

⁹ Akhenaton (1372-1355 a.C) originalmente Amenhotep IV, rei da XVIII dinastia, que criou o culto ao deus único, Aton, mudando a capital de Tebas para Akhetaton.

maior parte, espiritual, pois elas estavam incumbidas de por meio de satisfazer sexualmente o deus Amon, manter a ordem estabelecida no começo da criação do universo.

Estas mulheres teve maior poder a partir da XVIII Dinastia, no entanto, existem relatos dessa ordem na X e XII Dinastia no Médio Império, no entanto, isto ainda é obscuro, sendo que somente no Novo Império que este título passou a ser sagrado, isto com a filha de Ahmosi I, fundador da XVII Dinastia. Ahmose Nefertari recebeu este título e o tornou de grande importância, sendo suas sucessoras ainda mais poderosas.

Tradicionalmente, o faraó é o maior Sacerdote de Amon, no entanto, existia dentro do templo, um grupo de mulheres, que assim como o faraó, tinha acesso direto ao deus. Estas mulheres podem ser analisadas como um “harém do deus”, pois em suas mãos, estavam o papel de manter a potência sexual de Amon, esta mesma potência que no Zep-Tapi criou todo o universo, pois é esse poder que vai fazer com que o mundo permaneça em *Ma'at* tal como Ele estabeleceu.

Nesta visão, o título, *hemet-netjer*, literalmente Esposas do Deus e, também, *duat-netjer* que é Adoradora de Deus, era a titulação comum para as Esposas de Amon, podendo aparecer todas as vezes onde estas mulheres são referidas. ~~em~~ Por exemplo, nas várias titulações de Henut-taui que, em uma dessas, está como Mãe da Adoradora Divina de Amon, pois ela era mãe de Maatkaré. (ARAÚJO, 2006: 73).

Outro título bastante peculiar e sugestivo recebido por elas era de “A Mão de Deus – A que regozija as carnes do deus, a que se une ao deus, a que se farta de ver Amon...” (NOBLECOURT, 1994: 146). Aqui pode-se interpretar uma posição erótica uma vez que Amon criou o todo a partir de sua masturbação, assim, a sua Esposa Divina seria esta mão, que unida a seu pênis foi capaz de criar tudo que se vê.

Não era qualquer mulher que poderia ser uma Esposa do Deus, pois ela era “única e totalmente confiada à filha do rei, consagrada em Tebas, onde era contemplada com uma propriedade, uma Corte e um pessoal administrativo.” (NOBLECOURT, 1994: 140). Não se sabe ao certo que tipos de rituais eram feitos dentro do templo, pois, apesar dos templos gigantescos, somente sacerdotes ou a realeza poderiam entrar nos aposentos dedicados as divindades. Assim,

pouco pode-se supor como eram os ritos realizados, sem que hajam relatos escritos. Estas mulheres eram realmente soberanas em Tebas, muitas vezes podendo ultrapassar o poder do faraó, podendo até mesmo dedicar edifícios, principalmente templos, função que também era do faraó. Outro demonstrativo de sua realeza era o fato que seu nome era protegido pelo símbolo sagrado do Shemu¹⁰, dedicado somente aos nomes dos soberanos.

Para isso, era necessário um voto de “celibato terrestre” que “nenhuma ‘conjunção morganática’ jamais poderia perturbar” (NOBLECOURT, 1994: 140), ou seja, elas eram dedicadas unicamente para Amon, não tendo nenhum outro relacionamento a não ser com o Deus.

Segundo Christian Jacq:

as Divinas Adoradoras... não tomavam marido humano e não tinham filhos, a fim de se consagrarem exclusivamente ao serviço da divindade. Não sendo reclusas, passavam a maior parte do tempo no interior do templo de Amon em Karnak, onde todos os dias despertavam o poder do deus e mantinham a sua presença na Terra. (JACQ, 1998: 280).

As Esposas de Amon possuíam e estavam sempre enfeitadas com ricos ornamentos, grandes perucas, suas ornamentações eram similares às de Mut, consorte de Amon, sendo que muitas vezes, elas carregavam o nome de Mut diante dos seus nomes, tornando-se a própria deusa encarnada para satisfazer seu marido divino.

Para satisfazer o Deus, as Esposas de Amon primeiramente faziam oferendas de flores, principalmente a lótus, uma flor comumente associada ao sexo, que podemos ver até mesmo no famoso Papiro Erótico de Turim¹¹. Em Karnak, as flores eram uma oferenda em especial ao Deus Amon na forma itifálica, que é Amon-Ra-Kamaufet que também “era a divindade que criou a si mesmo” (AYAD, 2009: 45). Outra simbologia sexual usada por estas mulheres estava o sistrum, instrumento musical dedicado ao deus do amor Hethert¹², que era comumente tocado na hora das relações sexuais. Podemos observar estas cenas em colunas do Templo de Karnak, onde está escrito “*Toque o Sistrum <para>... ele Amon-Ra o rei dos deuses. Faça isto para Ele lhe dar*

¹⁰ Shemu, também conhecido como Cartuchos, estes símbolos protegiam o nome do soberano de qualquer mal.

¹¹ Trata-se de um papiro de 2,59 metros, feito na época de ramésida e encontrado próximo a Tebas por volta do século XVI a.C. O papiro retrata os aspectos sexuais da época no antigo Egito.

¹² Na versão grega, esta deusa se chamava Hathor.

vida” (TEETER, 2009: 11). A música sempre esteve ligada ao culto sexual a Amon, pois um dos títulos recebidos pelas Esposas era de Cantora de Amon, título atribuído por muitas, inclusive por Meresamun, uma importante Esposa do Deus da XXII Dinastia.

Movidas com cânticos, danças e diversas oferendas, as Hemet-Netjer reproduziam a criação do mundo com a representação terrestre de Amon-Ra-Kamauf, assim como fez Mut, ao copular com o deus. Sua proximidade sexual com o deus Amon, foi expressa em diversas capelas construídas a mando delas, ao norte do grande templo de Karnak, na região onde foram consagradas as capelas na forma itifálica de Amon, mostra estas Esposas em poses íntimas com Amon, onde podemos observar a hemet-netjer, chamada de Amunirdis II, abraçando Amon e ele espremendo seu corpo contra o dela e colocando sua perna entre as pernas da mulher sagrada, uma pose extremamente erótica na arte egípcia. Estas mulheres eram agraciadas pelo deus, pois numa outra capela pode-se notar na imagem Amon tocando sua boca com uma Ank, uma espécie de cruz com a parte superior em forma de laço que é o símbolo da vida eterna, ao mesmo tempo que lhes dá nas mãos outras três Ank, lhe entregando o poder sobre a vida.

Vemos que a sexualidade na antiguidade nunca foi tratada como algo impuro ou apenas com finalidade de reprodução, mas o sexo, muitas vezes, era algo divino, pois os Deuses tinham atividade sexual. Se tratando de sexualidade na antiguidade, os romanos e os gregos saíram na frente em demonstrar com explícita clareza suas relações sexuais em suas diversas obras de arte. Essa visão, entrando em voga ainda mais depois do Renascimento, pois os gregos e romanos passaram a ser exemplo de liberdade sexual, isto deve-se ao fato que sua religiosidade estava condizente a suas práticas, pois assim como os humanos, os deuses também tinham práticas sexuais, assim, os humanos estariam tornando suas práticas, sagradas e totalmente explicadas pelo meio da religiosidade, Clifford Geertz afirma que “a religião apoia uma conduta satisfatória retratando um mundo no qual essa conduta é apenas o senso comum” (GEERTZ, 1989: 95).

No caso do Egito Antigo, essa retração perante o sexo não foi menos diferente, ainda existe bastante dificuldade em analisar vários assuntos relacionados ao sexo. Algumas vezes, essas barreiras são quebradas diante de alguns assuntos que começam a ser abordados no século

XX, como por exemplo, sobre a Mulher¹³. Outros assuntos, no entanto, recebem pouca atenção, quando nenhuma, que é o caso da Homossexualidade no Egito Antigo¹⁴. O pai da egiptologia, Champollion¹⁵, se refere ao o Papiro de Turim, como "monstruosa obscenidade" que não era digna dos egípcios. (JANAÁK, 2009: 63-70).

Esta ideologia errônea do sexo como impuro é desconstruída quando nos deparamos com as Esposas de Amon, mulheres dedicadas à satisfação sexual de uma divindade, o que pode, de certo, parecer estranha, no entanto, numa mentalidade impregnada no povo do antigo Egito, onde o universo fora criado a partir de um ato sexual, isto era necessário para a vida continuar a existir, ou seja, o sexo fazia parte da vida.

Estas mulheres, além de quebrar um tabu sobre o ato sexual, quebram o tabu do poder masculino na antiguidade, pois elas possuíam poderes que se equiparava ao faraó, ou até mesmo, em certos casos espirituais, ultrapassava seus poderes.

Assim, Karnak como morada do Grande Deus Amon, foi palco de uma grande ascensão espiritual de mulheres que tinham um poder político e espiritual ainda inimagináveis, em suas altas colunas – as maiores já construídas no mundo – onde o Oculto tornou divino o prazer.

¹³ Ver: OLIVEIRA, Haydée. *Mãe, filha, esposa, irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C). O caso de Deir el-Medina/Haydée Maria Luz Pereira de Oliveira*. Niterói: Universidade Federal do Fluminense, 2005.

¹⁴ Ver: PARKINSON, R. B. Homosexual desire and middle kingdom literature. In: *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 81, 1985. Pág. 57-76

¹⁵ Jean-François Champollion (Figeac, 23 de Dezembro de 1790 — Paris, 4 de Março de 1832) foi um linguista e egiptólogo francês. Considerado o pai da egiptologia, a ele se deve a decifração dos hieróglifos egípcios.

Bibliografia

ARAÚJO, Emanuel Oliveira. *Escrito para eternidade. A literatura no Egito Faraônico*. Brasília: UNB, 2000.

ARAÚJO, Luís M. Henut-taui: uma dama do antigo Egito. In: *Estudos em homenagem ao professor Doutor José Amadeu Coelho Dias/org. Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, Departamento de História*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2006. 2 vols.

ASSMANN, Jan. *The Mind of Egypt – History and Meaning in the Time of the Pharaohs*. New York: Metropolitan Books, 1996.

AYAD, Mariam. *God's Wife, God's Servant: the God's Wife of Amun*. New York: Routledge, 2009.

BAINES, John. *Deuses, Tempos e Faraós*. Barcelona: Folio, 2008.

BYRON, E. Shafer (org.). *As Religiões no Egito Antigo – Deuses, Mitos e Rituais Domésticos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HEALY Mark; MCBRIDE, Angus. *New Kingdom Egypt*. United Kingdom: Osprey Publishing, 2000.

JACQ, Christian. *As Egípcias: Retrato das Mulheres no Egito Faraônico*. 2º Ed. Portugal: ASA Editores II S.A, 1998.

JANAÁK, J.; NAVRÁTILOVÁ, H. People vs. P. Turin 55001. In: GRAVESBROWN, C. *Sex and gender in ancient Egypt: 'don your wig for a joyful hour'*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2008.

NOBLECOURT, Chistiane. *A Mulher no Tempo dos Faraós*. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

OLIVEIRA, Haydée. *Mãe, filha, esposa, irmã. Um estudo iconográfico acerca da condição da mulher no antigo Egito durante a XIX dinastia (1307-1196 a.C). O caso de Deir el-Medina/Haydée Maria Luz pereira de Oliveira*. Niterói, 2005.

PARKINSON, R. B. *Homosexual desire and middle kingdom literature*. The Journal of Egyptian Archaeology, v. 81, 1985.

ROCHA, Guimarães. *O que é Mito*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REDFORD, Donald B. *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Vol. I. New York: Oxford University Press, 2001.

SOUSA, Rogério. O Imaginário Simbólico da Criação do Mundo no Antigo Egito. In: *Estudos em homenagem ao Doutor José Amadeu Coelho Dias*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

TEETER, Emily; JOHNSON, Janet H. *The Life of Meresamun – A Temple Singer in Ancient Egypt*. Illinois: Oriental Institute Museum, 2009.

WILKINSON, Richard H. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. New York: Thames & Hudson Inc, 2003.